

Inferências espontâneas de traço: Os quatro paradigmas-chave

Tânia Ramos
Diana Orghian
Leonel Garcia-Marques

Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa

Resumo

Uma inferência espontânea de traço (IET) ocorre quando, após a observação de um comportamento, se infere um traço de personalidade acerca do actor do comportamento, de forma espontânea (i.e., sem intenção nem consciência) (Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996). A evolução desta área de investigação tem sido marcada pela tentativa de desenvolver paradigmas experimentais capazes de capturar a natureza implícita do fenómeno. No presente artigo, descrevemos os pressupostos e procedimentos experimentais dos quatro paradigmas que têm sido mais utilizados para investigar a ocorrência de IETs: (a) paradigma de recordação com pistas; (b) paradigma de re-aprendizagem; (c) paradigma do reconhecimento da palavra-teste; (d) paradigma dos falsos reconhecimentos. A importância destes paradigmas relaciona-se com a sua aplicabilidade ao estudo de processos inferenciais e de memória.

Palavras-chave: Comportamentos, Inferências espontâneas de traço, Paradigmas.

Abstract

A spontaneous trait inference (IET) occurs when, after observing a behavior, people infer a personality trait about the actor of the behavior in a spontaneous way (i.e., without intention or awareness) (Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996). The progress of this domain of research has been marked by the attempt to develop experimental paradigms able to capture the implicit nature of the phenomenon. In the present article, we describe the underlying principles and experimental procedures of the four main paradigms that have been applied in the literature: (a) cued-recall paradigm; (b) savings in relearning paradigm; (c) recognition probe paradigm; (d) false recognition paradigm. The importance of these paradigms is related with their applicability to the study of inferential and memory processes.

Key-words: Behaviors, Paradigms, Spontaneous trait inferences.

Nota do autor: A preparação deste artigo foi apoiada por uma bolsa de pós-doutoramento (SFRH/ BPD/ 64826/ 2009) da Fundação para a Ciência e Tecnologia atribuída à primeira autora.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Tânia Ramos, Centro de Investigação em Psicologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa; E-mail: taniaramos@fp.ul.pt

Suponha que observa alguém a oferecer o seu lugar no autocarro a um idoso. Provavelmente, irá inferir que a pessoa é “prestável”, mesmo que não tenha qualquer intenção explícita de formar uma impressão. Este processo tem-se designado por inferências espontâneas de traço (IETs, para revisões ver Uleman, Newman, & Moskowitz, 1996; Uleman, Saribay, & Gonzalez, 2008). Diz-se que uma IET ocorre quando a observação de um comportamento leva a uma inferência de traço acerca do seu actor, sem que haja intenção para inferir traços, nem consciência do processo inferencial, por parte do percipiente.

As inferências espontâneas de traço constituem um fenómeno robusto e amplamente estudado no domínio da formação de impressões. Embora inúmeros paradigmas experimentais tenham sido utilizados ao longo do tempo para explorar este efeito, a maioria da literatura tem convergido na utilização sistemática de quatro paradigmas: (a) paradigma de recordação com pistas; (b) paradigma de re-aprendizagem; (c) paradigma do reconhecimento da palavra-teste; (d) paradigma dos falsos reconhecimentos¹.

Estabelecimento do efeito: Estudos originais

Em 1984, Winter e Uleman publicaram um artigo que marcou o início da literatura de IETs. Estes autores recorreram ao paradigma de recordação com pistas, baseado no princípio da codificação específica (Tulving & Thomson, 1973) e já anteriormente aplicado ao estudo de processos inferenciais na literatura de compreensão de texto (ex., Anderson & Ortony, 1975; Barclay, Bransford, Franks, McCarrell, & Nitsch, 1974; Paris, Lindauer, & Cox 1976). Neste estudo, Winter e Uleman começavam por apresentar aos participantes um conjunto de comportamentos implicativos de traços (ex., *O bibliotecário ajudou a velha senhora a carregar as compras*), pedindo-lhes que os memorizassem. Depois de uma tarefa distractora era pedido aos participantes para recordar os comportamentos em três condições distintas: (a) fornecendo os traços implicados pelos comportamentos como pistas (ex., *prestável*); (b) fornecendo associados semânticos dos actores, ou dos verbos, das frases como pista (ex., *livros* ou *sacos*); (c) sem pistas. De acordo com as previsões, se o traço tiver sido espontaneamente inferido durante a codificação do comportamento e ficar associado ao comportamento, ele deverá constituir uma pista eficaz para a sua recordação. Os resultados confirmaram estas hipóteses. As pistas-traço conduziram a uma melhor recordação do que a condição sem pistas e a uma recordação tão boa (Experiência 1) ou melhor (Experiência 2) do que os associados semânticos.

Informação convergente da ocorrência de IETs tem sido fornecida por outros autores através da utilização de diferentes paradigmas experimentais. Todos estes paradigmas têm duas características em comum: (a) a apresentação, numa fase inicial, de frases descritivas de comportamentos implicativos de traço; e (b) a utilização de instruções que induzem os participantes a prestar atenção aos comportamentos, sem no entanto lhes pedir para formar impressões acerca dos actores descritos. Contudo, os paradigmas diferem em termos dos procedimentos experimentais e do racional teórico que lhes está subjacente.

Por exemplo, Carlston e Skowronski (1994) desenvolveram o paradigma de re-aprendizagem (*savings in relearning paradigm*) para estudar a ocorrência de IETs. Este paradigma baseia-se nos trabalhos de Ebbinghaus sobre memória (1885/1964) que demonstram que a informação, uma vez memorizada, demora menos tempo a ser memorizada uma segunda vez, o que reflecte um efeito de

¹ De referir que o paradigma de recordação com pistas e o paradigma de reconhecimento da prova foram ambos anteriormente utilizados em outros domínios de investigação (ver McKoon & Ratcliff, 1980, 1986; Thompson & Tulving, 1970; Tulving & Osler, 1968), sendo posteriormente importados para o estudo das IETs. No presente artigo, iremos focar-nos na sua utilização no âmbito do estudo das IETs.

reaprendizagem (*savings effect*). Numa primeira fase, Carlston e Skowronski apresentavam várias fotografias de faces, cada uma delas emparelhada com um comportamento diferente (*tarefa de exposição*). Aos participantes era pedido apenas que se familiarizassem com o material. Numa segunda fase, os participantes viam pares de fotografias e traços e era-lhes pedido para aprenderem esses pares (*tarefa de aprendizagem*). Alguns desses pares eram formados por faces anteriormente apresentadas mais os traços implicados pelos comportamentos correspondentes (*pares de re-aprendizagem*), enquanto que outros pares eram constituídos por faces e traços novos (*pares controlo*). Finalmente, numa terceira fase, as fotos da segunda fase eram novamente apresentadas, sendo desta vez pedido aos participantes que recordassem o traço correpondente (*tarefa de recordação com pistas*). Os resultados revelaram uma melhor recordação dos traços nos ensaios de re-aprendizagem do que nos ensaios controlo. Este padrão está de acordo com a ideia de que os participantes, na primeira fase da experiência, realizaram uma inferência de traço a partir do comportamento, e que o traço ficou associado ao actor. Quando na segunda fase, a face do actor é apresentada com o traço correpondente, essa aprendizagem é facilitada, pois corresponde a uma associação já representada em memória.

Um terceiro paradigma utilizado no domínio das IETs é o paradigma de reconhecimento da palavra-teste. Este paradigma foi importado do domínio da compreensão de texto (Mckoon & Ratcliff, 1986) e foi aplicado por Uleman, Hon, Roman e Moskowitz (1996) ao estudo das IETs (ver também Newman, 1991, 1993²). Uleman e colaboradores apresentaram aos participantes passagens de texto para leitura. A seguir a cada passagem, era-lhes fornecida uma palavra-teste e eles tinham que indicar o mais rapidamente possível se essa palavra havia constado na passagem anterior. Os ensaios críticos eram constituídos por passagens descritivas de comportamentos, seguidas pelos traços implicados. Os ensaios controlo eram formados re-arranjando as palavras utilizadas nos ensaios críticos, de forma a contruir passagens de conteúdo neutro (ver exemplos dos estímulos na secção “Definição dos Paradigmas”). O pressuposto subjacente a este paradigma é que a inferência de traço deverá levar a uma maior dificuldade em indicar correctamente que o traço não estava incluído na passagem. Os resultados confirmaram estas previsões, revelando um pior desempenho nos ensaios críticos do que nos ensaios controlo. Este paradigma teve um contributo importante na literatura, uma vez que veio demonstrar que as IETs ocorrem mesmo quando inferir o traço prejudica o desempenho, o que constitui uma forte indicação de que elas ocorrem sem que as pessoas tenham intenção.

O mais recente paradigma desenvolvido para estudar a ocorrência de IETs é o paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002). À semelhança do paradigma de re-aprendizagem, também neste caso os participantes começam por memorizar pares de estímulos (comportamentos implicativos de traço + fotografias de faces). Numa segunda fase, as fotografias anteriores são novamente apresentadas, cada uma delas emparelhada com um traço. A tarefa dos participantes consiste em indicar se o traço estava incluído na frase que foi anteriormente apresentada com a face. A comparação crucial é entre ensaios que se designam por “emparelhados” e “desemparelhados”. Nos ensaios emparelhados, a fotografia é apresentada com o traço implicado pelo comportamento correpondente, enquanto que nos ensaios desemparelhados a fotografia é apresentada com um traço implicado por um comportamento utilizado para descrever outro actor (condição controlo). Um maior número de falsos reconhecimentos nos ensaios emparelhados do que nos ensaios desemparelhados indica que o traço foi inferido espontaneamente e que ficou associado ao actor. Este padrão foi obtido pela primeira vez por Todorov e Uleman (2002) e tem sido replicado em estudos posteriores (Goren & Todorov, 2009; Todorov & Uleman, 2003, 2004).

² O primeiro autor a aplicar o paradigma do reconhecimento da prova ao estudo das IETs foi Newman (1991, 1993) No entanto, este autor não encontrou suporte para a ocorrência de IETs. Tal deveu-se ao facto das frases controlo serem mais difíceis de compreender do que as frases críticas, o que levou a uma inversão do padrão de resultados. Este aspecto foi controlado em estudos posteriores (ver Uleman et al., 1996).

Definição dos Paradigmas

Paradigma de Recordação com Pistas

A Variável independente

Tipo de Pista. O tipo de pista fornecido na altura de recordação é a variável independente crucial deste paradigma. Existem três tipos de pistas que são tipicamente comparadas: (1) traços implicados pelos comportamentos; (2) associados semânticos dos actores ou dos comportamentos; (3) condição sem pistas. Esta variável é tipicamente manipuladas intra-participantes.

Medida dependente

Percentagem de Frases Recordadas. Percentagem de frases recordadas, em função do tipo de pista fornecido durante a recordação.

Materiais. Utilizam-se frases descritivas de comportamentos implicativas de traços de personalidade (ex., O bibliotecário ajudou a velha senhora a carregar as compras). Estas frases são pré-testadas de forma a garantir uma elevada associação com o traço implicado. O número de comportamentos apresentado tem variado, sendo habitual a apresentação de cerca de 16/18 comportamentos (Clayes, 1990; Uleman, Moskowitz, Roman, & Rhee, 1993; Winter & Uleman, 1984; Winter, Uleman, & Cunniff, 1985). O número total de comportamentos deve ser divisível pelo número de condições de pista, num delineamento intra-participantes. Em vez de frases, noutros contextos de investigação é habitual apresentarem-se palavras isoladas (ver por exemplo, Criss, Aue, & Smith, 2011; Tulving & Shirley, 1968). Como pistas utilizam-se os traços implicados pelos comportamentos (ex., prestável), e associados semânticos do actor (ex., livros) ou do comportamento (ex., sacos).

Procedimento

Fase de Codificação. Um conjunto de frases descritivas de comportamentos implicativos de traço é apresentado aos participantes. Os participantes são informados que estão a participar num estudo de memória e que devem estudar o material pois irão ser testados posteriormente.

Tarefa Distractora. Depois da fase de codificação é apresentada uma tarefa distractora. Vários estudos têm utilizado uma tarefa de resolução de anagramas (Clayes, 1990; Uleman et al., 1993; Winter & Uleman, 1984; Winter et al., 1985).

Fase de Recordação com Pistas. Nesta fase, pede-se aos participantes para recordar as frases anteriores fornecendo-se pistas. As frases são divididas em blocos e para a recordação de cada bloco é fornecida uma pista diferente. Por exemplo, cada participante recorda um terço dos comportamentos com pistas-traço, um terço com pistas semânticas, e um terço sem pistas (Winter & Uleman, 1984). O tipo de pista fornecido para cada bloco é contrabalanceado inter-participantes.

Questionário de consciência. É comum incluir um questionário de consciência no final da experiência, de forma a examinar se os participantes inferiram traços de personalidade de forma explícita, o que poderia constituir uma estratégia de recordação das frases (Lupfer, Clark, & Hutcherson, 1990; Moskowitz, 1993; Uleman & Moskowitz, 1994; Uleman, Winborne, Winter, & Shechter, 1986; Winter & Uleman, 1984).

Análises estatísticas

A análise dos resultados é baseada num índice calculado com base no número de partes da frase recordadas correctamente (actor, verbo, objecto, e proposição). Tal permite a análise do impacto do tipo de pista na recordação da frase como um todo e também na recordação das diferentes partes da frase separadamente. É esperado um efeito da variável independente “tipo de pista” que traduza uma melhor recordação das frases com pistas-traço do que sem pistas, e tão boa ou melhor com pistas-traço do que com pistas semânticas.

*Paradigma de Re-Aprendizagem**As Variáveis independentes*

Tipo de Ensaio de Aprendizagem. Alguns pares apresentados na tarefa de aprendizagem são “pares de re-aprendizagem” enquanto que outros são “pares novos”, numa manipulação intra-participantes.

Tipo de Instrução. Estudos anteriores têm tipicamente comparado instruções de familiarização com instruções de formação de impressões (Carlston & Skowronski, 1994; Carlston, Skowronski, & Sparks, 1995).

Medidas dependentes

Recordação Correcta. Percentagem de recordação correcta dos traços na tarefa de recordação com pistas.

Materiais. Parágrafos ou frases descritivas de comportamentos, implicativos de traços de personalidade (ex., “Uma manhã eu parti o meu espelho preferido e atrolei o gato preto do meu vizinho. Eu não conseguia perceber por que razão estava a ter um dia tão mau até que me apercebi que dia era: Sexta-feira, treze” – traço “supersticioso”; Carlston & Skowronski, 1994). É necessário um número igual de fotografias de faces, com as quais os comportamentos são emparelhados.

Procedimento

Tarefa de Exposição. São apresentados pares de comportamentos e fotografias de faces, com instruções de familiarização (“familiarize-se com o material”).

Tarefa de Confusão. Apresentam-se pares de descrições comportamentais (cerca de 30 pares, Carlston & Skowronski, 1994). É dito que cada comportamento descreve um actor diferente. A tarefa dos participantes consiste em ler cada par de descrições e indicar de qual das duas pessoas é que o participante gosta mais. Esta tarefa tem como função reduzir a capacidade de recordação das descrições apresentadas na primeira tarefa.

Tarefa Filler 1. Tarefa de procura de nomes numa matriz de letras (4 minutos).

Tarefa de Aprendizagem. São apresentados pares de fotografias e traços de personalidade. A tarefa dos participantes consiste em aprender esses pares. Alguns dos pares são “pares de re-aprendizagem” constituídos pelo emparelhamento de faces anteriores com o traço implicado pelo comportamento respectivo, enquanto que outros são “pares novos” constituídos por novas faces e novos traços.

Tarefa Filler 2. Tarefa de procura de nomes numa matriz de letras (4 minutos).

Tarefa de Recordação com Pistas. As fotografias da fase de aprendizagem são novamente apresentadas e a tarefa dos participantes consiste em recordar o traço correspondente.

Análises estatísticas

A análise estatística baseia-se na média de traços correctamente recordados. Estas médias são introduzidas numa 2 (tipo de ensaio de aprendizagem: reaprendizagem *vs.* controlo) X 2 (instrução: familiarização *vs.* formação de impressões) ANOVA. Espera-se um efeito principal do tipo de ensaio, com uma maior recordação dos traços nos ensaios de re-aprendizagem do que nos ensaios controlo.

*Paradigma do Reconhecimento da Palavra-Teste**A Variável independente*

Tipo de Ensaio. Comparam-se ensaios críticos (frases implicativas de traço seguidas pelo traço como palavra-teste) com ensaios controlo (frases neutras seguidas pelo traço como palavra-teste).

Medida(s) dependente(s)

Erros. Percentagem de respostas erradas (i.e., percentagem média de vezes que os participantes indicam incorrectamente que o traço estava incluído na frase).

Tempo de Resposta. Tempo médio das respostas correctas.

Materiais. Os ensaios críticos são constituídos por frases (ex., Wigboldus et al., 2003) ou parágrafos (ex., Uleman et al., 1992) descritivos de comportamentos implicativos de traços (ex. “Ele apanhou o elevador para o 1º andar” – implicativo do traço “preguiçoso”) e os ensaios controlo são formados re-arranjando as palavras dos ensaios críticos de forma a criar frases de conteúdo neutro (“Ele subiu um andar para apanhar o elevador”).

É essencial que se incluam ensaios *filler* nos quais o traço é incluído. Estes ensaios têm como função evitar que os participantes se apercebam que a resposta correcta é sempre “Não”.

Procedimento

Cada ensaio é formado pela apresentação de um parágrafo ou frase, seguido por uma palavra-teste que permanece no ecrã até ser fornecida uma resposta. A tarefa dos participantes consiste em indicar se a palavra-teste estava incluída no parágrafo/frase anterior, o mais rapidamente possível. O número de ensaios experimentais tem variado. Por exemplo, Uleman e colaboradores (1996) apresentaram 32 ensaios críticos, enquanto que Wigboldus, Dijksterhuis e van Knippenberg (2003) apresentaram 6 ensaios críticos.

Análises estatísticas

As duas medidas dependentes (erros e tempos de reacção das repostas correctas) são analisadas através de dois testes-*t* de amostras emparelhadas (tipo de frase: implicativa de traço *vs.* controlo). Espera-se encontrar uma diferença significativa entre as duas condições em termos dos erros e/ou tempos de reacção, que traduza um pior desempenho nos ensaios implicativos de traço do que nos ensaios controlo.

*Paradigma dos Falsos Reconhecimentos**A Variável independente*

Tipo de ensaio. A principal variável independente é o tipo de ensaio apresentado na fase de reconhecimento (manipulada intra-participantes). Existem três tipos de ensaio: ensaios com traço (actor emparelhado com o traço anteriormente incluído no comportamento), ensaios emparelhados (actor emparelhado com o traço implicado pelo comportamento utilizado para o descrever) e ensaios desemparelhados (actor emparelhado com um traço implicado por um comportamento utilizado para descrever outro actor).

Medidas dependentes

Falsos Reconhecimentos. Proporção de falsos reconhecimentos do traço.

Tempos de Resposta. O tempo de resposta médio das respostas correctas pode constituir uma segunda medida dependente neste paradigma. No entanto, as diferenças tendem a reflectir-se mais em termos de erros do que nos tempos de resposta. De facto, apesar dos tempos de resposta terem sido utilizados como VD no estudo inicial de Todorov e Uleman (2002), eles deixaram de ser considerados em estudos posteriores (Goren & Todorov, 2009; Todorov & Uleman, 2003, 2004).

Materiais. É utilizado um número de comportamentos divisível por três (ex., 36 – Todorov & Uleman, 2002). Um terço dos ensaios é constituído por comportamentos “com traço” (ex., “O André é tão agressivo que ameaçou bater-lhe caso ela não retirasse o que tinha dito”; na fase de teste a fotografia do “André” é emparelhada com o traço “agressivo”); um terço por comportamentos “sem traço” que vão constituir os ensaios emparelhados (ex., “O João perguntou de onde vêm as estrelas” – traço “curioso”; na fase de teste a fotografia do “João” é emparelhada com o traço “curioso”); um terço por comportamentos “sem traço” que vão constituir os ensaios desemparelhados (ex., “O Pedro disse à senhora da caixa que ela lhe tinha dado troco a mais” – traço “honesto” / “O Manuel apresentou-se às pessoas que não conhecia na festa” – traço “extrovertido”); como exemplo de um ensaio desemparelhado, na fase de teste a fotografia do Pedro seria emparelhada com o traço “extrovertido”).

É utilizado um número de fotografias de faces igual ao número de comportamentos.

Procedimento

Fase de Estudo. É apresentada uma série de comportamentos implicativos de traço, cada um emparelhado com uma fotografia de uma face. Cada par é apresentado durante cerca de 10 segundos (ex., Todorov & Uleman, 2002, 2004). Pede-se aos participantes para memorizar o material.

Fase de Teste. As fotografias anteriores são novamente apresentadas, desta vez cada uma emparelhada com um traço de personalidade. A tarefa dos participantes consiste em indicar se o traço estava presente na frase anteriormente emparelhada com o actor. Os anteriores ensaios “com traço” são testados com os traços respectivos. Metade das faces dos ensaios “sem traço” é emparelhada com os traços implicados correspondentes e a outra metade das faces dos ensaios “sem traço” é emparelhada com os traços implicados por comportamentos de outros actores. Os participantes devem pressionar uma de duas teclas de forma a dar a sua resposta.

Análises estatísticas

A comparação crucial é entre o desempenho nos ensaios emparelhados e desemparelhados. Assim, a proporção de falsos reconhecimentos é analisada através de um *t*-teste de amostras emparelhadas (tipo de ensaio: emparelhado *vs.* desemparelhado). Espera-se encontrar uma diferença significativa entre as duas condições, com um maior nível de falsos reconhecimentos nos ensaios emparelhados do que nos ensaios desemparelhados.

Variações dos paradigmas

Uma variação do paradigma de recordação com pistas consiste em apresentar as frases como distractores numa tarefa de recordação de dígitos (Winter et al., 1985; ver também Lupfer et al., 1990; Uleman, Newman, & Winter, 1992). Neste caso, cada ensaio tem a seguinte estrutura: (1) apresentação de um número para recordação, (2) apresentação de uma frase implicativa de traço “distractora”, e (3) recordação do número. No final dos ensaios, realiza-se um teste surpresa de recordação das frases. Esta versão do paradigma é particularmente forte, uma vez que permite garantir com maior segurança o carácter não intencional das inferências de traço. Uma vez que as frases são apenas distractores não existe razão para que os participantes as codifiquem de forma elaborada ou tentem activar objectivos explícitos de formação de impressões.

O paradigma de re-aprendizagem pode apresentar uma variação no que respeita ao tipo de medida dependente utilizada. Em alguns estudos a tarefa final de recordação com pistas tem sido substituída por uma “tarefa de avaliação de traços”. Tal fornece informação adicional acerca do impacto das IETs nas impressões reportadas acerca dos actores. Os resultados demonstram que as IETs influenciam as avaliações posteriores dos actores, expressas em escalas de traços de personalidade. Especificamente, as faces dos actores tendem a ser mais avaliadas em termos dos traços implicados pelos comportamentos que lhes foram associados anteriormente do que novas faces controlo (ex., Skowronski, Carlston, Mae, & Crawford, 1998).

Uma outra variação que tem sido implementada tanto no paradigma de re-aprendizagem, como no paradigma dos falsos reconhecimentos consiste na apresentação de fotografias, não de actores, mas de comunicadores dos comportamentos. Neste caso, é dito aos participantes que a pessoa apresentada na fotografia é alguém que está a descrever um comportamento de uma outra pessoa não apresentada (Carlston, Skowronski, & Sparks, 1994). Surpreendentemente, mesmo nestas condições, verifica-se que o traço fica associado à face do comunicador apresentada. Este efeito designa-se por transferência espontânea de traço (TET) e tem suscitado um grande número de estudos (Carlston & Skowronski, 2005; Crawford, Skowronski, & Stiff, 2007; Crawford, Skowronski, Stiff, & Leonards, 2008; Crawford, Skowronski, Stiff, & Scherer, 2007; Mae, Carlston, & Skowronski, 1999; Skowronski et al., 1998). Neste contexto, surgiram estudos que apresentam juntamente com a fotografia do actor, uma fotografia de uma pessoa irrelevante ou de um objecto, de forma a explorar a ocorrência simultânea de IETs e de TETs (Brown & Bassili, 2002; Crawford et al., 2007; Goren & Todorov, 2009; Todorov & Uleman, 2004). Enquanto que nalguns destes estudos a presença simultânea do actor relevante e do actor irrelevante elimina o efeito de TETs (Crawford et al., 2007; Goren & Todorov, 2009), noutros verifica-se a ocorrência tanto de IETs como de TETs, embora o efeito de IETs seja mais forte (Brown & Bassili, 2002; Crawford et al., 2007).

Outras variações dos paradigmas relacionam-se com as condições controlo utilizadas. No paradigma do reconhecimento da palavra-teste, alguns autores utilizam como condição controlo ensaios em que a frase implicativa de traço é seguida por uma palavra-teste não-relacionada (em vez da comparação entre frases implicativas de traço e frases neutras, seguidas pela mesma palavra-teste “traço”). Neste caso, uma maior dificuldade em rejeitar a palavra-teste “traço” do que a palavra teste “não-relacionada” serve como indicação da ocorrência de IETs (Owervalle, Drenth, & Marsman, 1999; ver também Wigboldus et al., 2003). No paradigma dos falsos reconhecimentos, alguns estudos incluem uma condição controlo constituída por faces anteriores emparelhadas com traços novos. Os resultados demonstram uma menor percentagem de falsos reconhecimentos nesta condição controlo do que na condição formada por ensaios desemparelhados (na qual actores anteriores são emparelhados com traços implicados por comportamentos descritivos de outros actores), o que indica que a familiaridade dos traços tende a aumentar o número de erros, independentemente da sua associação com o actor (Todorov & Uleman, 2002).

Variáveis Moderadoras

Manipulação intra vs. inter participantes (Paradigma de Recordação com Pistas)	Quando a variável pista é manipulada inter-participantes, não se verifica benefício da recordação das pistas-traço relativamente à condição sem pistas (D’Agostino & Beegle, 1996).
Características individuais (Paradigma de Recordação com Pistas)	Pessoas com elevada necessidade de estrutura tendem a realizar mais IETs (Moskowitz, 1993), em comparação com pessoas com baixa necessidade de estrutura. Participantes com elevado nível de agressividade tendem a fazer mais IETs relacionadas com hostilidade a partir de comportamentos ambiguos do que participantes com baixo nível de agressividade (Zelli, Huesman, & Cervone, 1995).
Objectivos de Processamento/Instruções (Paradigma de Recordação com Pistas, Paradigma dos Falsos Reconhecimentos e Paradigma de Re-aprendizagem)	A magnitude de IETs é menor em condições que envolvem um maior processamento perceptivo (Todorov & Uleman, 2003; Uleman & Moskowitz, 1994), não sendo o efeito observado numa condição de processamento grafémico (i.e., instrução que pede aos participantes para procurar determinadas letras nas frases durante a sua codificação) (Uleman & Moskowitz, 1994). Quando, durante a codificação, os participantes são instruídos para detectar se o actor está a mentir ou a dizer a verdade, a magnitude de IETs é menor (Crawford et al., 2007).
Estereótipo associado ao actor (Paradigma de Reconhecimento da Palavra-teste)	A ocorrência de IETs é inibida quando o estereótipo associado ao actor é inconsistente com o comportamento (Wigboldus et al., 2003).
Tempo entre estudo e teste (Paradigma de Re-aprendizagem)	O efeito de IETs é menor quando se impõe um intervalo de 7 dias entre o estudo e o teste, mas mantém-se significativo (Carlston & Skowronski, 1994).

Variáveis tipicamente associadas ao paradigma

Uma variável que está tipicamente associada à utilização dos paradigmas de IETs é o objectivo de processamento. É comum comparar-se uma condição de processamento não intencional (memória ou familiarização) com uma condição explícita de formação de impressões. Tal é facilmente compreensível,

uma vez que a condição explícita de formação de impressões constitui um teste último acerca da validade dos paradigmas de IETs. Caso não sejam capazes de capturar a ocorrência de inferências explícitas de traço, a sua capacidade para medir a sua ocorrência espontânea está posta em causa.

Além de constituir uma prova elementar da eficácia dos paradigmas, a comparação entre condições de inferências de traço implícita e explícita permite contrastar a magnitude das inferências de traço realizadas de forma intencional e não intencional. Os estudos que incluíram esta manipulação no paradigma de recordação com pistas (Bassili & Smith, 1986, Clayes, 1990) reportaram uma menor magnitude de inferências de traço em condições de memória do que em condições de formação de impressões. No entanto, estudos que utilizaram o paradigma dos falsos reconhecimentos e o paradigma de re-aprendizagem não obtiveram diferenças em função desta manipulação (Carlston & Skowronski, 1994; Todorov & Uleman, 2002).

Alguns exemplos do uso dos paradigmas

Uma interessante aplicação do paradigma de recordação com pistas no âmbito das inferências de traço remonta a Uleman e Moskowitz (1994, experiência 2), que utilizaram este paradigma para o estudo do impacto dos níveis de processamento nas IETs. Nesta experiência, os autores incluíram três condições de processamento: (a) análise de grafemas (localizar determinadas letras nas frases); (b) análise de fonemas (identificar um determinado som); (c) análise de característica das palavras (dizer o género de cada palavra). Os resultados demonstraram que o objectivo de processamento com que os participantes codificam as frases tem influência na magnitude de IETs, no sentido de quanto maior a elaboração semântica, mais inferências ocorrem. Ou seja, a ocorrência de IETs foi mais forte na condição “análise das características das palavras” do que na condição “análise de fonemas”, e mais forte nesta condição do que na condição “análise de grafemas”. Estes resultados corroboram a ideia de Bargh (1989) de que a ocorrência de IETs é condicional a um processamento semântico dos comportamentos.

Wigboldus e colaboradores recorreram ao paradigma de reconhecimento da palavra-teste de forma a explorar a influência dos estereótipos associados ao actor na ocorrência de IETs (Wigboldus et al., 2003). Neste estudo, foi associado a cada comportamento (ex., ganhou o concurso sobre ciência) um actor cujo estereótipo podia ser consistente (ex., “professor”) ou inconsistente (ex. “homem do lixo”) com o comportamento. Os resultados demonstraram que os participantes levam menos tempo a indicar que o traço não estava presente no comportamento na condição inconsistente do que na condição consistente. Não se verificaram diferenças entre a condição consistente e uma condição controlo neutra (“X ganhou o concurso sobre ciência”). Estes resultados foram importantes pois vieram demonstrar que a ocorrência de IETs é condicional, podendo ou não ocorrer, consoante a categorização social do actor que exhibe o comportamento.

Como exemplo de uma investigação que recorreu ao paradigma de re-aprendizagem, fazemos referência ao estudo de Brown e Bassili (2002) sobre TETs. Este é um estudo-chave que veio questionar a natureza dos processos subjacentes às IETs. De acordo com Brown e Bassili, quando as pessoas observam um comportamento, elas activam o traço de personalidade que descreve esse comportamento. O traço activado ficará associado a qualquer elemento que esteja presente no mesmo contexto que o comportamento. No caso dos estudos de IETs, essa associação estabelece-se entre o traço e o actor, pois apenas o actor é apresentado. No entanto, se se adicionarem outros elementos ao contexto, eles ficarão também associados ao traço. De forma a explorar esta questão, Brown e Bassili apresentaram cada comportamento juntamente com o actor, mas incluindo também, consoante os ensaios, uma foto de um observador do comportamento ou de um objecto. Verificou-se um efeito de

reaprendizagem para o actor, mas também para o observador e para o objecto (embora de menor magnitude nos últimos dois casos). A notoriedade destas descobertas levou à necessidade de revisitar o conceito de inferência espontânea de traço, e abriu a possibilidade de meros processos associativos estarem na sua base.

Um exemplo recente da utilização do paradigma dos falsos reconhecimentos refere-se ao estudo conduzido por Goren e Todorov (2009), que o utilizaram para explorar as condições de ocorrência das IETs e das TETs. Neste estudo, Goren e Todorov apresentavam o comportamento apenas 3 segundos após a apresentação da face. Nestas condições verificou-se que, apesar do efeito de IET se manter, o efeito de TETs deixou de ser observado. Estes resultados sugerem que o efeito de transferência é eliminado quando se diminui a saliência perceptiva do actor irrelevante, mas tal não é suficiente para eliminar o efeito de IETs.

As explicações teóricas

Winter e Uleman (1984), ao anunciarem a possibilidade de ocorrência de inferências mesmo na ausência de qualquer intenção e de forma não consciente, ofereceram como explicação, que a inferência acontecia no momento da codificação e de que a atribuição do traço inferido ao seu actor era, ao contrário do que até aí se pensava, automática.

No entanto, a descoberta de que o traço inferido pode ser associado até a objectos inanimados (ex., “bananas supersticiosas”; Brown & Bassili, 2002) ou a pessoas não relevantes (ex., Crawford et al., 2007; Todorov & Uleman, 2004) levou a que os investigadores tentassem definir com maior clareza os processos subjacentes às IETs e às TETs. Se quanto às TET pensa-se, de forma bastante consensual, que lhes estão subjacentes simples associações entre conceitos, estabelecidas por co-ocorrência (ex., Skowronski et al., 1998), relativamente às IETs existem duas correntes teóricas distintas. Uma primeira corrente defende que as IETs envolvem um processo atribucional que leva ao estabelecimento de uma ligação inferencial em memória entre o traço e o actor. Estas ligações, além de mais fortes comparativamente a ligações associativas, estariam também “etiquetadas”, ou seja, especificariam o traço como uma propriedade do actor (ex., “inteligente é uma propriedade do Francisco”, Carlston & Skowronski, 2005; Skowronski et al., 2008). Em contraste, de acordo com uma outra corrente de investigação (ex., Bassili & Smith, 2002) o mesmo processo associativo subjacente às TETs, baseado na contiguidade espaço-temporal e insensível à relevância dos elementos associados, poderá também ser responsável pela ocorrência das IETs. Este é um debate fundamental, cuja clarificação irá informar acerca da importância e impacto das IETs na percepção social. Enquanto que de acordo com uma perspectiva associativa, as IETs representam associações temporárias, sem impacto na representação do actor, de acordo com a perspectiva inferencial, as IETs modificam a forma como o actor é representado, com consequências claras e duradouras na forma como ele é percebido e avaliado. Assim, a natureza dos processos inerentes às IETs constitui uma questão crucial, que continuará certamente a atrair a atenção dos investigadores.

Sumário

Uma questão central na literatura de formação de impressões consiste em saber se as pessoas caracterizam os actores sociais em termos de traços de personalidade de forma automática. Esta

questão motivou o desenvolvimento e/ou adaptação de vários paradigmas experimentais, sendo os mais sistematicamente utilizados os seguintes: (a) paradigma de recordação com pistas; (b) paradigma de re-aprendizagem; (c) paradigma do reconhecimento da palavra-teste; e (d) paradigma dos falsos reconhecimentos. Estes paradigmas têm sido essenciais para explorar os mecanismos e as condições de ocorrências das IETs. No entanto, eles podem também ser utilizados em outras áreas, tais como na compreensão de texto e no estudo de outras inferências sem ser de traços (McKoon & Ratcliff, 1992). Dada a sua capacidade de detectar ligações entre constructos que se estabelecem de forma espontânea, a sua aplicação pode estender-se a vários domínios de investigação no âmbito do estudo de processos inferenciais e de memória.

Artigos a Ler

- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1994). Savings in the Relearning of Trait Information as Evidence for Spontaneous Inference Generation. *Journal of Personality & Social Psychology*, 66(5), 840-856.
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1986). Inferences about predictable events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 12(1), 82-91.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2002). Spontaneous trait inferences are bound to actors' faces: Evidence from a false recognition paradigm. *Journal of Personality & Social Psychology*, 83(5), 1051-1065.
- Uleman, J. S., Newman, L. S., & Moskowitz, G. B. (1996). People as flexible interpreters: Evidence and issues from spontaneous trait inference. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 28, pp. 211-279). San Diego, CA: Academic Press.
- Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? Evidence for the spontaneity of trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(2), 237-252.

Referências

- Anderson, R. C., & Ortony, A. (1975). On putting apples into bottles: A problem of polysemy. *Cognitive Psychology*, 7, 167-180.
- Barclay, J. R., Bransford, J. D., Franks, J. J., McCarrell, N. S., & Nitsch, K. (1974). Comprehension and semantic flexibility. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13, 471-481.
- Bargh, J. A. (1989). Conditional automaticity: Varieties of automatic influence in social perception and cognition. In J. S. Uleman & J. A. Bargh (Eds.), *Unintended thought* (pp. 3-51). New York: Guilford Press.
- Bassili, J. N., & Smith, M. C. (1986). On the spontaneity of trait attribution: Converging evidence for the role of cognitive strategy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 239-245.
- Brown, R. D., & Bassili, J. N. (2002). Spontaneous trait associations and the case of the superstitious banana. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38(1), 87-92.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1994). Savings in the relearning of trait information as evidence for spontaneous inference generation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 840-880.

- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (2005). Linking Versus Thinking: Evidence for the Different Associative and Attributional Bases of Spontaneous Trait Transference and Spontaneous Trait Inference. *Journal of Personality & Social Psychology*, 89(6), 884-898.
- Carlston, D. E., Skowronski, J. J., & Sparks, C. (1995). Savings in relearning: II. On the formation of behavior-based trait associations and inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(3), 420-436.
- Clayes, W. (1990). On the spontaneity of behaviour categorization and its implications for personality measurement. *European Journal of Personality*, 4(3), 173-186.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., & Stiff, C. (2007). Limiting the spread of spontaneous trait transference. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43(3), 466-472.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., Stiff, C., & Leonards, U. (2008). Seeing, but not thinking: Limiting the spread of spontaneous trait transference II. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44(3), 840-847.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., Stiff, C., & Scherer, C. R. (2007). Interfering with inferential, but not associative, processes underlying spontaneous trait inference. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(5), 677-690.
- Criss, A. H., Aue, W. R., & Smith, L. (2011). The effects of word frequency and context variability in cued recall. *Journal of Memory and Language*, 64, 119-132.
- D'Agostino, P. R., & Beegle, W. (1996). A reevaluation of the evidence for spontaneous trait inferences. *Journal of Experimental Social Psychology*, 32(2), 153-164.
- Ebbinghaus, H. (1885/1964). *Memory: A contribution to experimental psychology*. New York: Dover Publications.
- Goren, A., & Todorov, A. (2009). Two Faces Are Better Than One: Eliminating False Trait Associations With Faces. *Social Cognition*, 27(2), 222-248.
- Lupfer, M. B., Clark, L. F., & Hutcherson, H. W. (1990). Impact of Context on Spontaneous Trait and Situational Attributions. *Journal of Personality & Social Psychology*, 58(2), 1239-1249.
- Mae, L., Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1999). Spontaneous Trait Transference to Familiar Communicators: Is a Little Knowledge a Dangerous Thing? *Journal of Personality & Social Psychology*, 77(2), 233-246.
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1986). Inferences about predictable events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 12(1), 82-91.
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1992). Inference during reading. *Psychological Review*, 99(3), 440-466.
- Moskowitz, G. B. (1993a). Person organization with a memory set: Are spontaneous trait inferences personality characterizations or behaviour labels? *European Journal of Personality*, 7(3), 195-208.
- Moskowitz, G. B. (1993b). Individual differences in social categorization: The influence of personal need for structure on spontaneous trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 132-132.
- Newman, L. S. (1991). Why are traits inferred spontaneously? A developmental approach. *Social Cognition*, 9(3), 221-253.
- Newman, L. S. (1993). How individualists interpret behavior: Idiocentrism and spontaneous trait inference. *Social Cognition*, 11(2), 243-269.
- Van Overwalle, F., Drenth, T., & Marsman, G. (1999). Spontaneous trait inferences: Are they linked to the actor or to the action? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 450-462.

- Paris, S. G., Lindauer, B. K., & Cox, G. L. (1977). The development of inferential comprehension. *Child Development, 48*, 1728-1733.
- Skowronski, J. J., Carlston, D. E., Mae, L., & Crawford, M. T. (1998). Spontaneous trait transference: Communicators take on the qualities they describe in others. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 837-848.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2002). Spontaneous trait inferences are bound to actors' faces: Evidence from a false recognition paradigm. *Journal of Personality & Social Psychology, 83*(5), 1051-1065.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2003). The efficiency of binding spontaneous trait inferences to actors' faces. *Journal of Experimental Social Psychology, 39*(6), 549-562.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2004). The person reference process in spontaneous trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology, 87*(4), 482-493.
- Tulving, E., & Osler, S. (1968). Effectiveness of retrieval cues in memory for words. *Journal of Experimental Psychology, 77*, 593-601.
- Tulving, E., & Thomson, D. M. (1973). Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review, 80*(5), 352-373.
- Uleman, J. S., & Moskowitz, G. B. (1994). Unintended Effects of Goals on Unintended Inferences. *Journal of Personality & Social Psychology, 66*(3), 490-501.
- Uleman, J. S., Newman, L. S., & Moskowitz, G. B. (1996). People as flexible interpreters: Evidence and issues from spontaneous trait inference. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 28, pp. 211- 279). San Diego, CA: Academic Press.
- Uleman, J. S., Newman, L. S., & Winter, L. (1992). Can personality traits be inferred automatically? Spontaneous inferences require cognitive capacity at encoding. *Consciousness and Cognition, 1*, 77-90.
- Uleman, J. S., Saribay, S. A., & Gonzalez, C. (2008). Spontaneous inferences, implicit impressions, and implicit theories. *Annual Review of Psychology, 59*, 329-360.
- Uleman, J. S., Hon, A., Roman, R. J., & Moskowitz, G. B. (1996). On-line evidence for spontaneous trait inferences at encoding. *Personality and Social Psychology Bulletin, 22*(4), 377-394.
- Uleman, J. S., Moskowitz, G. B., Roman, R. J., & Rhee, E. (1993). Tacit, manifest, and intentional reference: How spontaneous trait inferences refer to persons. *Social Cognition, 11*(3), 321-351.
- Uleman, J. S., Winborne, W. C., Winter, L., & Shechter, D. (1986). Personality differences in spontaneous trait inferences at encoding. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 396-404.
- Wigboldus, D. H. J., Dijksterhuis, A., & Van Knippenberg, A. (2003). When Stereotypes Get in the Way: Stereotypes Obstruct Stereotype-Inconsistent Trait Inferences. *Journal of Personality & Social Psychology, 84*(3), 470-484.
- Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? Evidence for the spontaneousness of trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology, 47*(2), 237-252.
- Winter, L., Uleman, J. S., & Cunniff, C. (1985). How automatic are social judgments? *Journal of Personality and Social Psychology, 49*(4), 904-917.
- Zelli, A., Cervone, D., & Huesmann, L. R. (1996). Behavioral experience and social inference: Individual differences in aggressive experience and spontaneous versus deliberate trait inference. *Social Cognition, 14*(2), 165-190.